

SMS

(Considerar que a validade das coisas
passa
por um código de barras
e
o cair da tarde
abre
a história precipício)

Maria Zé Povo dos Santos

Maria Zé Povo dos Santos
caminha no meio da rua.
Vai compenetrada na vida.

Ela pensa no gargalo
da garrafa da cerveja

preta – doce -

que tomava quando teve seu primeiro
filho. Morto nas mãos da polícia.

A cerveja - era lenda? -
enchia seu peito de leite. O leite
enchia seu peito de espera. Esperança
cavada nas covas do rosto do filho
que sorria.

(Maria Zé Povo dos Santos
todo dia acorda aos prantos
recolhe a angústia em caixinhas
e a saudade em álbuns
de fotografia)

Maria Zé Povo dos Santos
caminha pela avenida.
Vai ao ponto de ônibus e na carga
dos seus ombros organiza-se o dia.

Vai sozinha entre tantas. Oprimida
entre o trabalho, o transporte e a retina
capaz de enxergar mentiras

a quilômetros. Maria Zé Povo dos Santos
constrói países e lidera
famílias.

É por isso que ela anda
compenetrada na vida

Porque não tenho medo de barata, é só o nojo

Eu era criança quando vi baratas invadindo minha rua.
A Vila Cristina ficou cheinha delas.

Eram tantas que ao invés de tentar
matá-las, fugir para dentro de casa
ou qualquer outra atitude covarde
corremos pra a rua, para vê-las mais
de perto.

Por cima da nossa cabeça,
abutres nos vigiavam

salivando nosso sangue
torcendo pelos ratos
que entravam e saíam dos becos

Eu vi as baratas batendo-se
enquanto o gato pulava
mil telhados e ia longe

de barba e cabelo feito.

A alma do negócio

*“Engajado desde o berço
não esqueço de onde eu vim.
Minha rima não tem preço
tem começo, meio e fim”
Clã Nordeste*

Poesia não é flor que se cheire.
E por isso os jornais a evitam
e publicam o inverso:
eterno tédio
dos assassinos em série,
genocídio, infanticídio
e outras patifarias com e sem código de barras.

Poesia não é flor que se preze.
E por isso os jornais a evitam.
Em seu lugar publicam meninas
abraçada aos seus bichinhos
de pelúcia.

Poesia não é flor que se regue.
E por isso os jornais a evitam.
Na segura de suas folhas
nenhuma gota de lirismo
pinga.

Poesia não é flor que se encontre
na rua.
E por isso os jornais a evitam.
Ainda que no asfalto outras breves
se insinuem.

O poema se nutre de espanto.
(não se vende espanto em caixinhas)
Por isso, no auge do canto
quando o poema emerge do manto
de surdez e indiferença
que o protegia,
aí então ele ganha

seu lugar ao sol
(mas ganha uma caixa minúscula).
O vetor da obra ganha
o poeta
perde a poesia.